MÚSICA: FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO POR MEIO DESTE PROCESSO

FABIANA PERES CERQUEIRA NASCIMENTO

RESUMO

Analisar as contribuições que a música pode proporcionar no desenvolvimento das crianças na educação infantil e a forma como é usada pelos educadores que atuam nesta faixa etária e: verificar a importância do aprendizado de música na socialização e aprendizagem, conhecer a dinâmica do ensino de música nas escolas, perceber as formas de interação da música com os demais eixos de trabalho nesta fase da escolarização e analisar as contribuições que o ensino de música pode proporcionar no desenvolvimento das crianças na educação infantil. Na educação escolar, formal, a música está inserida nas leis e nos documentos oficiais, entre os quais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei nº 9.394, de 1996) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), documentos estes que oferecem diretrizes para o atendimento e desenvolvimento integral da criança, portanto, fundamentais na análise das práticas educativas voltadas para a construção do conhecimento musical.

Palavras chave: Ensino de música; educação infantil; arte.

ABSTRACT

Analyze the Music education; early childhood education; art that music can provide in the development of children in early childhood education and how it is used by educators who work in this age group and: check the importance of learning music in socialization and learning, meet the dynamics of the music education in the schools, the forms of interaction of music with the other axes of work at this stage of schooling and analyze the contributions that can provide music education in the development of children in early childhood education. In school education, formal, the music is embedded in laws and in official documents, including: the law of Guidelines and Bases for national education-LDBEN (Law No. 9,394, 1996) and the National Curriculum for early childhood education (1998), documents These provide guidelines for the care and integral development of the child, therefore, fundamental analysis of educational practices geared to the construction of musical knowledge.

Keyword: Music education; early childhood education; art Music education; early childhood education; art

INTRODUÇÃO

A música é uma arte que existe em todas as culturas e contribui para a educação holística como uma linguagem simbólica com uma infinidade de expressões que permitem às crianças expressar as suas emoções e sentimentos. Como forma de comunicação e expressão, é um elemento importante na construção do conhecimento necessário à educação infantil e à formação de educadores. Mas o que é a música? Esta questão tem sido colocada ao longo da história, com diferentes respostas dependendo da cultura da sociedade e do contexto em que esta opera.

A visão de mundo que cada um de nós tem orienta o papel que a música desempenha, respeitando sua função e práticas estabelecidas entre os diferentes grupos. Por outro lado, de acordo com o "Referência Curricular da Educação Infantil", a música é a seguinte.

"E o silêncio." (Brasil, 1998, p. 45). A música é a ligação entre o som e o silêncio, a criação e a emoção, o movimento vibrante e as relações que ele cria. Se imaginarmos a música como uma combinação complementar de som e silêncio, ela tem uma relação essencial com a capacidade da pessoa de perceber o mundo que a rodeia, e com base nisso constrói a sua narrativa de diferentes maneiras e pode ser criada. Produzir.

A ARTE A EDUCAÇÃO E A MÚSICA

A expressão de Fusari e Ferraz (2001) por meio da arte é sinônimo de uma expressão que nos permite encenar situações cotidianas e ressignificá-las de forma menos alienante, mais crítica e sensível.

Desta forma, a arte funciona como formadora de capacidades de pensamento, permitindo a todos os cidadãos que têm acesso ou praticam meios artísticos observar e analisar profundamente os factos coletivos e individuais, cada um dos quais contribui para que a sociedade possa demonstrar as relações que existem. deve ser formada dentro do Segundo Barbosa, isso "reforça a ideia de que a arte na educação tem como objetivo principal permitir que as crianças expressem suas emoções, e que a arte serve para expressar e não para ensinar". (1979, p.46).

Na educação infantil e na escola primária, as aulas de arte são ministradas de forma imaginativa, envolvente e estimulante para estimular a criatividade, a criatividade e a inventividade das crianças. De acordo

com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 19).

Neste sentido, o professor é preciso compreender que os processos e evoluções são mais relevantes que o resultado final.

Sendo assim, deve ser desconsideradas perspectivas e exigências por grandes produções artísticas, e ponderar a importância de "desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos diferentes acerca de imagens e de Arte". (BARBOSA, 1991, p.64).

O ensino de Arte traz contribuição ao âmbito social, a fim de possibilitar à criança compreender o ambiente em que vive ampliar o conhecimento cultural e aprender a viver em sociedade de maneira atuante. Conforme Fusari e Ferraz "a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo" (1999, p. 16).

Os PCNs indicam a contribuição no âmbito social por meio do conhecimento da arte de outras culturas. Segundo o documento, isso permite ao aluno compreender "a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana" (BRASIL, 1997, p. 19).

Do mesmo modo, possibilita ao aluno perceber a sua realidade de modo mais vivo, reconhecer as formas e objetos que estão à sua volta e exercitar a observação crítica de sua própria cultura, criando condições para uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 1997).

O aluno que tem uma sólida base artística dentro da escola, sendo este o lugar que frequenta e participa grande parte de sua vida, torna-se mais sensível ao observar as mais diversas situações e aprende a refletir de forma mais ampla, dando sentido às inúmeras informações que tem aproximação. É neste sentido que o ensino de Arte vem contribuir com as demais disciplinas, já que permite ao aluno absorver e dialogar, opinar e fazer que suas ideias não se bastem somente em senso comum, mas pela frenética procura de dados, que constatem e afirmem a veracidade dos fatos. Nesta mesma perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais salientam que o ensino de Arte favorece o relacionamento do aluno com as outras disciplinas do currículo, exemplificando que:

O aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. (BRASIL, 1997, p. 19).

É neste sentido que a disciplina de Arte não pode ser vista como um momento de entretenimento ou recreação. Como as demais disciplinas do currículo, em Arte existem objetivos a serem alcançados por meio de métodos que visam o aprendizado.

Os PCNs, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos professores polivalentes, afirmam que: Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas. (BRASIL, 1997, p. 26).

Assim, os professores de artes, mesmo sem formação especial, devem buscar conhecimentos para subsidiar suas práticas docentes devido à relevância dessa área na vida de seus alunos.

É necessário provocar e despertar nos alunos o desejo de algo além do que é desenvolvido em sala de aula, tendo em vista novas formas de observar as mais diversas situações mesmo fora do ambiente escolar. Os autores Fusari e Ferraz afirmam que precisamos pensar em "uma carreira acadêmica consistente e duradoura, na qual os alunos encontrem espaço para crescimento pessoal e social por meio da vivência e posse de conhecimentos artísticos e estéticos" (2001, p.21)).

Afirmam ainda que isso requer "metodologias que permitam aos alunos descobrir novos caminhos e adquirir conhecimentos específicos que os ajudem a compreender o mundo em que vivem e as suas contradições" (IDEM). E é transmitir e estimular o desejo de exploração e pesquisa, estimular a curiosidade, divulgar novos elementos, colocar questões e levantar dúvidas, para que os alunos fiquem estimulados e inquietos com espírito inquisitivo.

. Assim sendo, o papel do professor é o de: Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, "falas", sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no des-

pertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 118).

Estas discussões permitem concluir que a Arte deve ser colocada como disciplina formadora de opinião, pela qual os conteúdos trabalhados não se resumam a meros desenhos, trabalhos manuais, ou cantigas e representações sem sentido.

Sempre respeitando a idade e o nível de desenvolvimento do aluno, o professor deve buscar dar significação e conjunção de forma única e pessoal ao conteúdo exposto, permitindo que isso seja debatido e que todos tenham direito e oportunidade de opinar e defender suas convicções, ponderando a igualdade entre todos. Fusari e Ferraz atentam para o fato de que esse tipo de prática pedagógica é na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (2001, p. 19).

Todas e quaisquer manifestações artísticas levadas aos alunos devem aguçar os seus sentidos, incentivando-os a tornarem-se seres criadores. Segundo Freinet, "a livre expressão facilita a criatividade da criança, no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais" (apud SAMPAIO, 1994, p. 30).

O homem é um artista que, no seu processo de criação, elaborou combinações de som e silêncio e as transformou em música. A música é uma arte universal que há milhares de anos os povos utilizam para se comunicar e que está presente na vida do ser humano antes mesmo do seu nascimento. Faz-se presente nas situações cotidianas, permitindo que bebês e crianças tenham a possibilidade de iniciar o seu processo de iniciação musical.

A criatividade faz parte do ser humano, que deve estimulá-la por meio de atividades que favoreçam o processo de produção artística. Nas escolas, o educador deve ser criativo para, então, propiciar aos seus alunos situações em que possam construir algo novo e realizar experiências que aumentem sua visão do mundo, colaborando, assim, para a formação da sua identidade e autonomia.

O trabalho com a musicalização infantil permite ao aluno desenvolver a percepção sensitiva quanto aos parâmetros sonoros – altura, timbre, intensidade e duração –, além de favorecer o controle rítmico-motor; beneficiar o uso da voz falada e cantada; estimular a criatividade em todas as áreas; desenvolver as percepções auditiva, visual e tátil; e aumentar a concentração, a atenção, o raciocínio, a memória, a associação, a dissociação, a codificação, a decodificação etc.

Uma das formas de se identificar o papel da música na Educação Infantil é investigar o conjunto de leis e documentos oficiais, na dimensão relativa à educação, tais como a Constituição de 1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN); o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) além de normatizações, em nível estadual e municipal.

Estes últimos documentos foram elaborados como forma de redimensionar as práticas pedagógicas das instituições de Educação Infantil e suas concepções. Dentro dos novos parâmetros a música passa a ter o seu papel fundamentado e redimensionado, já que, estando presente em todas as culturas e sendo uma forma de representação humana, por si só faz-se necessária e justificável dentro do contexto escolar. Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil: Um expoente a ser analisado dentro da linguagem musical é a falta de ações pedagógicas que atendam as reais necessidades do educando.

Apesar de fazer parte do planejamento e ser considerada como fundamental na cultura da infância, a música tem atendido a propósitos alheios às suas reais especificações. Ela é tratada como um algo que já vem pronto, servindo como objeto de reprodução e formação de hábitos na rotina escolar, o que acaba por deixá-la em defasagem junto às demais áreas de conhecimento, quando poderia atender a um propósito interdisciplinar. (BRASIL, 1998, p. 47).

A falta de formação específica em música dificulta as ações pedagógicas do professor, fazendo com que muitos continuem a tratá-la apenas como uma atividade do dia a dia, sem maiores conotações ou expectativas.

Para que essa visão simplista e destituída de intencionalidades seja exaurida é preciso que haja um esforço pessoal de cada profissional para captar informações e transformá-las em recursos que representem mudanças em suas práticas. Portanto, muitos aspectos precisam ser redimensionados no trabalho com a linguagem musical, a começar pelos conteúdos a serem especificados no planejamento escolar, que devem ser definidos de acordo com a faixa etária

dos educandos. Segundo Brito (1998, p. 45):

> O termo musicalização infantil adquire uma conotação específica, caracterizando o processo de educação musical por meio de um conjunto de atividades lúdicas, em que as noções básicas de ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, leitura e escrita musicais são apresentadas à criança por meio de canções, jogos, pequenas danças, exercícios de movimento, relaxamento e prática em pequenos conjuntos instrumentais. (BRITO 1998, p. 45).

Compreender o papel da música na educação infantil e dar aos alunos a oportunidade de vivenciar essa prática é o primeiro passo para promover o fazer musical no ambiente escolar, tornando o canto mais do que um ato mecânico sem uma intenção clara. As escolas precisam, portanto, de proporcionar um contexto no qual as crianças possam expandir o seu potencial criativo, incentivando o desenvolvimento dos seus gostos estéticos e alargando a sua visão do mundo.

Quando as crianças ouvem música, aprendem canções, brincam em rodas, participam de jogos rítmicos e de mãos, elas despertam o gosto musical e trazem os elementos básicos da humanidade para o processo educativo. A expressão e o design baseados no conhecimento musical estão intimamente relacionados com a vida das pessoas.

O ato de criação está na natureza humana e é o resultado da reflexão e da leitura do mundo. Nesse sentido, o trabalho pedagógico significa proporcionar uma formação crítica e reflexiva e desenvolver estratégias que possibilitem aos alunos agir criticamente e refletir diante de situações novas e difíceis do cotidiano.

A educação musical é um dos meios para se alcançar este tipo de educação, mas produz efeitos positivos somente quando se estabelece uma relação reflexiva entre o professor e o educando. Sendo o educador um facilitador da aprendizagem, deve garantir a liberdade de expressão e proporcionar situações ricas e produtoras de experiências marcantes e significativas.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), na Educação Infantil a música tem servido de suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos, a realização de festas comemorativas, a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto e cores, entre outros. As canções utilizadas são acompanhadas, ordinariamente, por gestos, que são imitados pelas crianças de forma mecânica e sem sentido. O RCNEI, no entanto, faz uma crítica ao ensino da música por imitação. Segundo esse parâmetro, muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional.

Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área de música e aquele efetuado nas demais áreas de conhecimento, evidenciada pela realização de atividade de reprodução e imitação, em detrimento de atividades voltadas à criação e elaboração musical. Assim, a música é tratada como um produto pronto, apenas reproduzido, e não como conhecimento construído (BRASIL, 1998, p. 47).

Algumas práticas musicais têm sido utilizadas na Educação Infantil para atender a propósitos diferenciados, os quais variam de acordo com os interesses do grupo e as propostas contidas em seus currículos. Segundo Hentschke (1995, apud Joly, 2003, p. 117):

> Algumas razões são importantes para justificar a inserção da educação musical no currículo escolar. Entre elas, está proporcionar à criança: o desenvolvimento das suas sensibilidades estéticas e artísticas, o desenvolvimento da imaginação e do potencial criativo, um sentido histórico da nossa herança cultural, meios de transcender o universo musical de seu meio social e cultural, o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor, o desenvolvimento da comunicação não verbal. Em contrapartida, em todas as práticas musicais utilizadas na Educação Infantil se verifica a ligação da música com o brincar, que, presente em todas as culturas, é transmitido de geração para geração, constituindo parte das tradições a serem preservadas. (JOLY, 2003, p. 117).

Embora a música já seja reconhecida como fundamental na formação do educando e necessária dentro dos currículos, na Educação Infantil ainda há muito que fazer para que esta prática deixe de ser utilizada apenas como suporte para aquisição de conhecimento. Alguns elementos estão presentes nas práticas escolares que se apoiam ou se expressam mediante a linguagem musical, tais como os jogos, a dança, a dramatização, o canto, a bandinha rítmica e os brinquedos infantis. Todos eles desenvolvem na criança a expressividade musical, situando-a numa organização de espaço e tempo.

Entre os jogos e brinquedos que permeiam a cultura da criança estão as parlendas (brincadeiras rítmicas com rimas e sem música), os brincos (movimento corporal com poucos sons), as mnemônicas (brincadeiras utilizadas para fixar ou ensinar nomes, números etc.), as rondas ou brincadeiras de roda (envolvendo música, dança e poesia), os acalantos ou cantigas de ninar, as adivinhas, o faz-deconta, os jogos de improvisação, o trava-línguas, entre outros.

Segundo Daniel Gohn (2003, p. 41), "Os processos de musicalização nas crianças têm o objetivo de, por meio de jogos e brincadeiras, desenvolver a sensibilidade e criar as primeiras noções de ritmo." Cada atividade, em suas diferentes especificidades, favorece o processo de aprendizagem da criança à medida que oferece a ela a oportunidade de externar suas emoções e construir significados para cada nova vivência adquirida.

A mais comum de todas as práticas musicais na Educação Infantil são as cantigas de roda. De acordo com Maffioletti (1994, p. 15): Cantigas de roda são canções utilizadas em brincadeiras de roda cantada, realizadas como forma de recreação por adultos e crianças.

Sua formação clássica consiste em formar uma roda de mãos dadas, com o rosto voltado para o centro, movimentando-se para a direita ou para a esquerda, em andamento eleito pelo grupo. Ainda hoje, segundo estudiosos do tema, a apreciação de determinados gêneros musicais necessita de maior espaço dentro das instituições de Educação Infantil. Nesse sentido, a música caipira ou de raiz, as composições eruditas – como O trenzinho do caipira (Bachianas brasileiras nº 2) – e, ainda, a música popular brasileira, tão rica e pouco explorada, merecem destaque no trabalho pedagógico-musical das escolas.

Uma maneira de se inserir na sala de aula a música que está presente na cultura popular é realizando trabalho junto às famílias ou aos membros da comunidade local em que se localiza a escola, resgatando por meio de pesquisas, encontros, festas e outras ações as canções que eram cantadas por eles ou por seus antepassados e ainda fazem parte de suas vidas. Ademais, na escola a criança deve ter a possibilidade de entrar em contato com as diversas manifestações folclóricas, tanto aquelas que provêm da sua origem familiar pela educação informal1 como aquelas oriundas de outros grupos, dando-lhe a oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Segundo Gohn (2005, p. 100):

"A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar." Joly (2003, p. 113), por sua vez, afirma:

A inserção das artes, incluindo a música, no processo de formação do indivíduo, está sendo muito valorizada por algumas sociedades atualmente. Na grande maioria dos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, Canadá, Áustria, Alemanha, Holanda, Finlândia, entre outros, há um reconhecimento de que a educação musical, seja ela formal ou informal, ensina às crianças requisitos importantes para a vida adulta.(Joly 2003, p. 113),

O folclore, sendo uma manifestação do povo, está enraizado na cultura brasileira de maneira tão profunda que, muitas vezes, passa imperceptível aos olhos. As brincadeiras, as cantigas, os provérbios, as histórias, as expressões gestuais e outros elementos típicos do folclore utilizados no dia a dia fazem parte da cultura espontânea, transmitida de geração para geração. De acordo com Rosa (1990, p. 218),

"A cultura espontânea está incorporada aos seres humanos: eles a vivem no dia-a-dia, sem perceber. Esta cultura é o objeto do folclore e é difundido por meio da interação social." As músicas próprias da cultura da criança estão presentes nas rodas cantadas, nas parlendas, nos brincos, nos jogos de mãos, nos acalantos etc. (ROSA 1990, p. 218).

Ao ter contato com o folclore a criança, além de conhecer músicas próprias da cultura infantil, pode apropriar-se da cultura de outros povos que muito contribuíram para a formação do povo brasileiro, exercendo influência na língua, na religião, nos costumes, nas danças, nas músicas e nas comidas do nosso país.

As principais contribuições ao folclore brasileiro vieram dos europeus, dos indígenas e dos africanos. Dos europeus há contribuições nas músicas presentes no folclore, como as cantigas de ninar, as brincadeiras de roda, as quadrinhas, os acalantos, além dos autos e das dramatizações, como as pastorinhas e a catira.

A cultura indígena, por sua vez, é encontrada, sobretudo nas cantigas e danças folclóricas, como caiapós ou caboclinhos, bem como na utilização de instrumentos musicais como os tambores, a flauta de bambu e o maracá.

Os africanos, por fim, exerceram influência especialmente nas cantigas, nas danças e nos jogos folclóricos, além de proporcionarem o conhecimento acerca do uso de instrumentos musicais como o caxixi, o agogô, o afoxé e o berimbau, entre outros. Nos espaços destinados à educação não formal, comumente realizam-se atividades que expressam a influência do negro na cultura brasileira, como, por exemplo, o samba e a capoeira. Sobre a educação não formal Gohn (2010, p. 33) diz:

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção

de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. (GOHN 2010, p. 33).

Estas manifestações, extremamente importantes na história e na cultura do país, continuam a difundir-se, cada vez mais, recebendo incentivo de órgãos públicos e privados para sua realização. De acordo com Gohn (2005, p. 101):

Os espaços em que se desenvolvem ou se exercitam as atividades da educação não formal são múltiplos, a saber: no bairro-associação, nas organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações NãoGovernamentais, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa, etc. (GOHN 2005, p. 101):

Verifica-se, portanto, que nos espaços destinados à educação não formal as crianças têm a oportunidade de participar de atividades em que estão presentes as culturas populares. Nesse sentido, Gohn (2003, p. 27) afirma: Outras formas de aprendizado musical ocorrem nas manifestações culturais populares, nas quais é comum que crianças sejam inseridas no mundo das práticas adultas, imitando e recriando os movimentos e gestos, seguindo a estrutura grupal e o comportamento dos indivíduos.

A escola deve incentivar a criança a produzir musicalmente, permitindo que experimente, componha, interprete, manipule e crie a partir do material sonoro disponível, proporcionando um senso crítico que resulte no fazer musical. Mediante a música a criança tem elementos para descobrir e reencontrar seu corpo físico, reconhecendo-se como ser que pode perceber ouvir, movimentar e interagir, adquirindo habilidades e comportamentos criativos e críticos que irão contribuir para o seu desenvolvimento integral. A relação da criança com a música inicia-se muito antes do seu nascimento.

O bebê tem como primeiro instrumento sonoro a sua voz. É por meio dela que ele manifesta suas necessidades e emoções. É comum ver o bebê balbuciar, cantarolar, gritar e tentar imitar sons que lhe são familiares. Isso acontece porque está tentando explorar suas possibilidades vocais, que, acompanhadas dos movimentos corporais, dão-lhe condições de se expressar e tentar produzir a comunicação verbal com os entes que lhe são mais próximos, ou seja, pai, mãe, avós, irmãos etc. Tal interação contribui para o desenvolvimento afetivo e cognitivo do bebê, além de auxiliar na elaboração da comunicação sonora. De acordo com Brito (2003, p. 145):

É fato indiscutível que o ritmo se aprende por meio do corpo e do movimento. Partir dos movimentos naturais dos bebês e crianças, ampliando suas possibilidades de expressão corporal e movimento, garante a boa educação rítmica e musical, além de equilíbrio, prazer e alegria, já que o ser humano é – também – um ser dançante. (BRITO 2003, p. 145).

Conforme vai crescendo e ampliando suas potencialidades sonoras, a criança utiliza cada vez mais materiais diferenciados, o que lhe dá condições de criar e explorar as qualidades próprias do som, como a altura, o timbre, a intensidade e a duração. Gainza (1988, p. 109-110) afirma:

[...] por princípio, todo conceito deverá ser precedido e apoiado pela prática e manipulação ativa do som: a exploração do ambiente sonoro, a invenção e construção dos instrumentos, o uso sem preconceitos dos instrumentos tradicionais, a descoberta e a valorização do objeto sonoro. É fundamental que os adultos proporcionem às crianças contato com esses diferentes materiais, já que, dessa maneira, ao mesmo tempo em que descobrem seu potencial sonoro, começam a incorporá-lo aos movimentos construídos na interação. (GAINZA 1988, p. 109-110).

Dessa forma, nota-se que as canções tornam-se elementos constantes nas atividades que a criança desenvolve. Assim, seu potencial sonoro aumenta e ela é capaz de criar um repertório próprio, utilizando melodias já conhecidas em consonância com outras por ela elaboradas. A capacidade de explorar as possibilidades sonoras, por meio da improvisação, dá à criança condições de fazer uso dessa prática de forma instantânea, rápida.

Isso permite que ela conte uma história cantando, invente letras diferentes para uma mesma melodia, faça rimas com nomes que lhe são conhecidos, imite diferentes sons presentes na natureza etc. Durante esse processo de improvisação a criança dá ensejo à sua imaginação, utilizando seu corpo como principal articulador desse processo. De acordo com Brito (2003, p. 40):

Se a pesquisa de Delalande acerca das condutas da produção sonora da criança pode nos auxiliar a conhecer melhor o modo como às crianças se relacionam com o universo de sons e música, é importante lembrar que cada criança é única e que percorre seu próprio caminho no sentido da construção do seu conhecimento, em toda e

qualquer área. (BRITO 2003, p. 40):

Sendo a criança o agente do seu próprio desenvolvimento, é fundamental que a Educação Infantil crie situações em que o educando possa construir seu conhecimento, num processo de ação sobre o ambiente, analisando-o, compreendendo-o e colocando sua capacidade interpretativa como elemento de aperfeiçoamento, para, a partir daí, elaborar suas estruturas mentais, crescendo e se desenvolvendo de forma integral.

CONCLUSÃO

A música é uma arte que existe desde os primeiros tempos da história da humanidade. Foi utilizado por civilizações antigas e foi considerada a base da educação nacional, assim como outras áreas do conhecimento como filosofia e matemática. Ao longo da história, pessoas de todo o mundo cantaram e hipnotizaram elementos musicais, criaram e executaram instrumentos novos e antigos e usaram a música como forma de expressão para expressar pensamentos, costumes, emoções e comportamento social.

Para as crianças, a música é mais do que apenas uma forma de expressão e integração no meio ambiente. É um elemento que possibilita o desenvolvimento de competências, conceitos e hipóteses e contribui para a sua formação global. A prática de trazer a música para o domínio do conhecimento e dar-lhe significado amplia a capacidade da criança de esclarecer os processos perceptivos e cognitivos que existem dentro dela e relacioná-los para se comunicar e interagir com os outros representa possibilidade.

Quando a música é reconhecida pelos educadores como fonte de ensino e aprendizagem, as atividades mais comuns da vida diária tornam-se experiências que estimulam o desenvolvimento das crianças. Isso acontece pela forte relação entre música e jogo que persiste em todas as culturas como forma de preservação social e histórica.

Garantir a inclusão da música nos currículos dos cursos de formação de professores, e com isso garantir a formação musical dos professores, não é suficiente para promover práticas de musicalização nos ambientes escolares, e a restauração da identidade dos professores nas instituições de ensino. A importância da língua na educação, especialmente na educação pré-escolar formal, para garantir que a língua seja tão importante como outras áreas do conhecimento e, portanto, devidamente tratada como base para o ensino e a aprendizagem. Deve haver reconhecimento coletivo em toda a educação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: perspectiva, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. v. 3. , Teca Alencar de. Música. In:

_____. Música na Educação Infantil. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998.

BRASIL. 1997. Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 6.

BRITO T. A. Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

FUSARI, M. F. R; FERRAZ, M. H. C. T. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

FUSARI, M. F. R; FERRAZ, M. H. C. T. Metodologia do Ensino da Arte. São

Paulo: Editora Cortez, 2. ed., 1999.

FUSARI, J. C. O Planejamento do Trabalho Pedagógico: algumas Indagações e Tentativas de Respostas. Centro de referência em Educação. 2008. Disponível em: . Acesso em: 2 mar. 2024.

GAINZA, Violeta Hemsy de. Estudos de psicopedagogia musical. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GOHN, Daniel Marcondes. Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação não-formal e cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. Educação Musical para Pré-Escola. Rio de Janeiro: Libador, 1990.